

Na fronteira do conhecimento médico

Poucas escolas de Medicina contam com um complexo hospitalar e de saúde tão bom como o da Unicamp

A Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp iniciou em 2001 uma reestruturação curricular visando a uma maior integração entre o curso básico e clínico. Diminuiu a distância que separava a teoria da prática clínica e, a partir de uma nova abordagem pedagógica, busca formar um profissional com maior capacidade de manter-se atualizado por toda a sua vida profissional, apto a responder às carências existentes no atendimento da população.

A preocupação maior, desde o início do curso, é formar a consciência de um profissional cuidador da saúde, tanto individual quanto coletiva, abandonando um pouco a idéia do processo de formação da doença a fim de poder interagir e ser um promotor da saúde. Pelas características de sua infra-estrutura e de seu corpo docente altamente qualificado, busca ainda possibilitar ao aluno a capacidade de trabalhar na fronteira do conhecimento, com condições de se especializar após a graduação.

O professor Sigisfredo Luís Brenelli, coordenador de graduação da FCM até julho passado, explica que a prática médica, antes só permitida a partir do terceiro ano, quando começavam as disciplinas profissionalizantes, passou a ser acessível aos alunos logo no primeiro semestre da graduação. Acompanhados de um médico tutor, os calouros saem a campo e podem participar de campanhas de vacinação, inserir-se em atividades rotineiras de um posto de saúde ou mesmo acompanhar o tratamento de um dependente químico.

De acordo com Brenelli, essas experiências, oferecidas no início do curso, são bastante motivadoras por atender ao anseio natural do aluno de começar a vivenciar sem demora a realidade da profissão e permitir que ele assimile de imediato o modelo de conduta profissional e humana que a sociedade espera dele. Junto com as atividades de campo, o aluno estuda matérias básicas

como anatomia, fisiologia, patologia, biologia, genética e psicologia.

O atendimento aos pacientes se intensifica nas aulas práticas, que ocorrem a partir do terceiro ano, na etapa profissionalizante do currículo, quando o aluno estuda semiologia (busca dos sintomas da doença no paciente), fisiopatologia (natureza e mecanismo da doença) e terapêutica (o tratamento). Por fim, o aluno realiza plantões no Hospital de Clínicas e ingressa em programas de residência médica para especializar-se na área médica de sua preferência.

"Com a alteração curricular o estudante será conduzido de maneira gradual à cultura médica. Mais do que o conhecimento técnico, acho importantíssimo os professores da FCM transmitirem aos estudantes, logo nos primeiros semestres, suas experiências pessoais. Para mim este é o maior mérito do novo currículo", afirma o médico-residente em Psiquiatria no Hospital de Clínicas da Unicamp, Michel Matias Vieira.



Professor e alunos durante atividade prática em enfermaria do HC



Lugar até para o preparo emocional

Recordando sua trajetória pelo curso, Michel lamenta apenas que as mudanças curriculares que propiciam ao aluno um contato com o paciente logo nos primeiros anos tenham sido efetivas somente a partir de 2001.

Natural de Ituiutaba, interior de Minas Gerais, Michel acredita que a antecipação da atividade clínica vai também proporcionar melhor

preparo emocional aos alunos para o contato com o paciente. Ele confidencia ter enfrentado sérias dificuldades nesse relacionamento. "Muitas vezes me senti impotente diante do sofrimento do paciente", confessa. Mas passou a administrar melhor a situação depois que procurou ajuda do Grapeme (Grupo de Apoio Psicopedagógico ao Estudante de Medicina e Enfermagem), constituído de profissionais que auxiliam o aluno no aspecto emocional durante as diferentes etapas dos cursos de Medicina e Enfermagem da Unicamp.

Curso dispõe de uma infra-estrutura completa

Para continuar formando não apenas profissionais competentes mas também lideranças na área, como enfatiza Brenelli, o curso de Medicina da Unicamp proporciona ao estudante um aprendizado ativo em diferentes campos da futura atividade profissional. "Isso sem dúvida constitui um importante diferencial em relação à maioria das universidades brasileiras", diz.

O curso dispõe, para isso, de uma das mais completas infra-estruturas de ensino e de atendimento médico do país, que engloba o Hospital de Clínicas, o Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism), o Hemocentro, o Gastrocentro, o Centro de Reabilitação "Gabriel Porto"

e, mais recentemente, o Hospital Estadual de Sumaré. Localizado nesta cidade vizinha de Campinas, o hospital foi anexo ao complexo hospitalar da Unicamp em 2001 e se transformou em mais um espaço privilegiado para o aluno pôr em prática tudo o que aprende nas salas de aula. O trabalho feito ali pelos docentes e médicos-residentes da Unicamp foi tão bom que, recentemente, num ranking estabelecido pelo Ministério da Saúde, esse hospital secundário foi colocado entre os dez melhores do país.

Ministrado em período integral, o curso de Medicina da Unicamp tem duração mínima de 12 semestres e oferece 110 vagas, anualmente

disputadas por cerca de 10 mil candidatos. Criado há 40 anos - sendo anterior, portanto, à própria existência do campus da Unicamp - é também considerado um dos melhores do país.

Essa qualidade se deve a seu corpo docente altamente qualificado - mais de 93% dos professores têm titulação mínima de doutor -, à magnitude do complexo hospitalar da Unicamp, à eficácia do processo seletivo dos estudantes e à tradição da Universidade na atividade médica primária. No Exame Nacional de Cursos, o Provão, realizado em 1999, 2000 e 2001 pelo MEC, a FCM foi uma das poucas escolas de Medicina do Brasil que obteve conceito A sucessivamente.

História da FCM começa antes da própria Unicamp

Integrante da primeira turma do curso de Medicina oferecido pela Unicamp, o gastroenterologista e clínico geral Rogério Antunes Pereira Filho, acompanha de perto a evolução do ensino na FCM e confessa sentir um certo orgulho quando fala do curso que ele viu nascer e que, durante trinta anos, ajudou a consolidar. Até julho passado, Rogério era diretor-associado da Faculdade de Ciências Médicas.

O médico ingressou no curso quando a Faculdade de Medicina começava a se estruturar, funcionando em dois andares de um prédio em construção que, mais tarde, abrigaria a Maternidade de Campinas. Assistindo às aulas em cadeiras emprestadas de um antigo cinema, o Cine Paradiso, os futuros médicos juntavam-se aos professores na luta pela consolidação da Faculdade.

"Nós substituíamos a falta de infra-estrutura por garra e acabávamos nos envolvendo em tudo. Se faltasse material, alunos e professores não hesitavam em sair em busca do que fosse necessário para a aula. Acho que por esse motivo, apesar da improvisação, o ambiente de ensino era muito bom", atesta o doutor Rogério, destacando especialmente os esforços empreendidos pelos primeiros professores e pelo diretor da Faculdade na época, Antônio Augusto de Almeida.

No terceiro ano iniciou-se a fase clínica do curso e a faculdade passou a funcionar na parte inferior do prédio da Santa Casa de

Campinas. Os alunos dividiam o refeitório, o centro cirúrgico e a área de moléstias infecciosas com os médicos do Hospital Irmãos Penteado, que ocupava o andar superior da Santa Casa.

"Apesar de tudo ser muito improvisado, nossa turma era muito unida e nós nos sentíamos privilegiados por estarmos participando daquele momento de implantação do curso porque, como não havia médicos nem residentes acima de nós, éramos chamados a nos envolver na maior parte das atividades do hospital".

De volta para o futuro

Uma das características dos cursos de Medicina na década de 70 era a formação do profissional generalista, lembra o médico. O próprio doutor Rogério fez residência na Unicamp na área de Clínica Médica. Alguns anos depois, entretanto, observou-se um crescente apelo por especialistas. A tal ponto que a FCM, em meados da década de 80, não con-

seguia sequer renovar o corpo docente da área de Clínica Médica.

Na época, Rogério Antunes havia assumido o cargo de diretor-clínico e administrativo da Santa Casa e acompanhava de perto o processo de transferência do hospital-escola, que deixava o complexo Santa Casa/Irmãos Penteado e passava para o Hospital de Clínicas, instalado na Universidade. Foi então que o médico teve a idéia de criar - em um espaço anteriormente ocupado pela área de Neurologia na Santa Casa - a Enfermaria Geral. "Minha intenção era manter a área na Santa Casa para que, quando a mudança para o HC se efetivasse, não houvesse o perigo de a Enfermaria Geral desaparecer do curso".

A idéia do médico foi decisiva para que se mantivesse a área, hoje reconhecida como extremamente importante para a formação de profissionais generalistas que se responsabilizem pelo atendimento da maior parte da população, prestando um serviço qualificado.

Exame de ressonância magnética no Hospital das Clínicas



Em vez do velho trote, um exercício de cidadania

Os alunos veteranos da Medicina receberam os calouros de 2002 com o Trote Cidadania, promovido pelo quarto ano consecutivo no curso. Durante uma semana, no mês de março, os calouros participaram de atividades como uma campanha em bairros da periferia de Campinas, de prevenção e erradicação dos focos de dengue. Os calouros também participaram de uma feira de saúde, no centro da cidade, onde a população podia medir a pressão arterial e usufruir de outros serviços.

"O Trote Cidadania não humilha os calouros e já coloca o aluno em contato com a realidade com a qual vai lidar, ajudando na formação", explica Maria Carolina Szymanski de Toledo, de Orlandia (SP), aluna do terceiro ano, uma das coordenadoras do Centro Acadêmico (CA) do curso de Medicina. "O Trote Cidadania também é uma forma de reforçar no calouro a consciência de que ele vai estudar em uma ótima universidade pública, e que tem o dever de devolver à sociedade, na forma de serviços, o que aprende durante sua formação que é gratuita", completa Ana Luiza Gibertoni Cruz, de Campinas, também aluna do terceiro ano e coordenadora do CA. Maria Carolina e Ana Luiza não foram beneficiadas com a novidade, introduzida em 2001, mas

apoiaram a reforma curricular que colocou os ingressantes em ações de campo já a partir do primeiro ano.

Um dos calouros de 2002, Mário Arnaldo Mazon, de Araras (SP), tem a mesma opinião. "Estamos indo a postos de saúde em bairros dis-

tantes e estamos cada vez mais conscientes da importância social de nossa profissão", afirma. A caloura Suzana Crispin Leite, de Assis (SP), gostou do Trote da Cidadania. "Na ação contra a dengue foi possível perceber que basta a informação para fazer muita coisa", diz a aluna.



Calouros de 2002 em ação contra a dengue: Trote Cidadania

Medicina

Período: diurno em período integral

Integralização: 18 semestres

Nº de vagas em 2003: 110

Candidatos/vaga para 2002:

1ª fase - 80,1

2ª fase - 7,8

Disciplinas prioritárias: Ciências Biológicas e Química (que têm peso dois no cálculo da nota final e nas quais é exigida nota mínima 3,0 na 2ª fase do vestibular).

Unidade

FCM - Faculdade de Ciências Médicas

www.fcm.unicamp.br

ceg15@head.fcm.unicamp.br

Tel: (19) 3788.8869/ 3788.8870 e

3788.8871 (Comissão de Ensino)

Fax: (19) 3788.8868 (Comissão de Ensino)